

Almeida, Diana Jenifer Ribeiro de; Quadros, Laura Cristina de Toledo. A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

The rock that gave birth: Narratives and practices of pregnant and crack using women who are homeless in the city of Rio de Janeiro

La piedra que parió: Narraciones y prácticas de aproximación a mujeres embarazadas sin hogar e que usan cocaína en piedra en la ciudad de Río de Janeiro

Diana Jenifer Ribeiro de Almeida¹

Laura Cristina de Toledo Quadros²

Resumo

O presente trabalho tem como proposta trazer narrativas de experiências vividas no campo de pesquisa composto por mulheres em situação de rua e os modos como se relacionam com a maternidade. Um tema pouco explorado e com muitos mitos a seu respeito, apresenta-se aqui como uma versão local e situada de uma realidade ampla e complexa. Acompanhar histórias e trajetórias de mulheres em situação de rua e que usam abusivamente o crack e outras drogas já traz em si peculiaridades. Nosso recorte – a maternidade – constitui-se numa possibilidade de compreensão desse fenômeno para além da versão do descaso e abandono que as rotulam, já que não interrompem o uso de drogas, apesar da gestação. Entendemos tal experiência como múltipla e heterogênea, permeada também pelas controvérsias. O que trazemos aqui é uma versão que nos atravessa como pesquisadoras.

Palavras-chave: mulheres, crack, maternidade, controvérsias e versões.

Abstract

This paper aims to bring to light the narratives and experiences of women who live on the street and use drugs and the ways these experiences relate to motherhood. A relatively unexplored subject that is filled with false myths is presented here as a local example that is set in a broad and complex reality. Following the stories and trajectories of women who abuse crack and other drugs already carries within itself peculiarities. Our focus –on motherhood – allows us to explore this phenomenon beyond the version of neglect and abandonment with which we often label it, since women often do not interrupt drug use

¹Doutoranda em Psicologia social PPGPS/UERJ- dianajenifer@gmail.com

² Professora Adjunta do Instituto de Psicologia (Departamento de Psicologia Clínica) e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutora em Psicologia Social PPGPS-UERJ; Mestre em Psicologia Social e da Personalidade ISOP/FGV/UFRJ; Especialista em Psicologia Clínica CRP -lauractq@gmail.com

Almeida, Diana Jenifer Ribeiro de; Quadros, Laura Cristina de Toledo. A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

despite the pregnancy. We understand this experience as complex and heterogeneous and also largely permeated by controversy. What we bring here is a version that challenges our views and perceptions as researchers.

Key words: women, crack, maternity, controversies and narratives.

Resumen

El presente trabajo propone traer narraciones de experiencias vividas en el campo de investigación compuesto de mujeres sin hogar y como se relaciona con maternidad. Este es un tema que está muy poco explorado y que lleva varios mitos, que aquí estarán presentados como una versión local y situada en una realidad amplia y compleja. Acompañar historias y trayectorias de mujeres sin hogar y que usan crack y otras drogas de forma abusiva ya lleva en si peculiaridades. Nuestro recorte –la maternidad– se constituye en una posibilidad de comprensión de este fenómeno más allá de la versión de negligencia y abandono que las etiqueta, ya que no interrumpen el consumo de drogas a pesar del embarazo. Entendemos esta experiencia como múltiple y heterogénea, y también permeada por la controversia. Lo que traemos aquí es una versión que corre a través de nosotros como investigadores.

Palabras-clave: mujeres, crack, maternidad, controversia e versión

Almeida, Diana Jenifer Ribeiro de; Quadros, Laura Cristina de Toledo. A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

Grávida

*Eu tô grávida
Grávida de um beija-flor
Grávida de terra
De um liquidificador
E vou parir
Um terremoto, uma bomba, uma cor
Uma locomotiva a vapor
Um corredor*

*Eu tô grávida
Esperando um avião
Cada vez mais grávida*

*Estou grávida de chão
E vou parir
Sobre a cidade
Quando a noite contrair
E quando o sol dilatar
Dar à luz*

*Eu tô grávida
De uma nota musical
De um automóvel
De uma árvore de Natal
E vou parir
Uma montanha, um cordão umbilical, um anticoncepcional
Um cartão postal*

*Eu tô grávida
Esperando um furacão, um fio de cabelo, uma bolha de sabão
E vou parir
Sobre a cidade
Quando a noite contrair
E quando o sol dilatar
Vou dar a luz*

(Marina Lima)

Almeida, Diana Jenifer Ribeiro de; Quadros, Laura Cristina de Toledo. A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

Gestar, pesquisar, viver: experiências heterogêneas

Buscaremos compartilhar através desse trabalho algumas articulações tecidas em nossa trajetória. Tal tessitura se dá através do feminino que nos compõe – pesquisadoras e campo – como a linha que vai costurando experiências afirmadoras de vida e pesquisa

A partir da experiência e parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) do Rio de Janeiro, atuando com equipes voltadas ao atendimento de pessoas em situação de rua que usam crack e outras drogas, concentradas nos principais pontos da zona norte da cidade, o percurso dessa pesquisa foi atravessado pelo encontro com mulheres gestantes e mães que transitavam nas cenas de uso de *crack* da cidade. Um dos fatores primordiais que deram contorno a esse estudo foi nossa percepção de certa invisibilidade da mulher e suas formas de agenciamento com o mundo em diferentes instâncias, inclusive nas ruas. O público feminino não é visto com prioridade até mesmo em outros recortes, a invisibilidade reverbera nas propostas de políticas públicas pouco atrativas e na baixa adesão aos serviços ofertados.

Apoiadas na política ontológica proposta por Mol (1999), onde o modo como abordamos o tema pode fazer surgir um conhecimento que será sempre parcial, estando em nossas ações a decisão do que e como iremos abordar, acreditamos na responsabilidade do pesquisador em fazer existir uma ou outra realidade. Portanto, nosso relato aqui descrito seguirá como uma versão fundada no modo como fomos afetadas pela experiência de estar e de pensar esse campo de mulheres-mães usuárias do crack.

Segundo Despret (1999), o conceito de *versão* contrapõe-se ao de *visão*. A visão seria o ponto de vista, vincula-se a uma certeza restrita ao campo, enquanto que a versão é uma entre muitas maneiras de entrelaçar os fatos. A versão não é excludente, não se impõe, mas se constrói; não desvela o mundo, mas faz existir o mundo possível (Quadros, 2011). Portanto, segundo a referida autora:

a versão remete, também, para além dela mesma, à existência de outras versões, aquelas que não contam a mesma história, ou a que a faz variar; ela guarda na memória aquilo ao que ela se opõe, e contra o qual ela continua a se constituir³ (Despret, 1999, p. 38).

Ao apontarmos nossa proposta como uma versão, buscamos ir um pouco além da ideia de mães relapsas ou irresponsáveis que consomem drogas indiscriminadamente, a despeito dos riscos para os seus bebês. Sem querer destituir os perigos que tal prática impõe à saúde dessas mulheres e crianças, buscamos aqui ampliar nosso olhar sobre um cotidiano que nos afetou e nos surpreendeu. Despret (2012) nos fala da capacidade do pesquisador de se surpreender com seu campo. Isso envolve uma disponibilidade para os deslocamentos, o trânsito pelas muitas histórias que o campo é capaz de nos contar. O pesquisar, portanto, também é composto de multiplicidades e o que propomos nessa narrativa-pesquisa é trazer uma dessas muitas possibilidades que entrelaçam diferentes modos de gestar, pesquisar e viver.

³No original: La version renvoie aussi, au-delà d'elle même, à l'existence d'autres versions celles qui ne racontent pas la même histoire, ou qui la font varier, elle garde en mémoire ce à quoi elles'oppose, et contre laquelle continue de se constituer.

Almeida, Diana Jenifer Ribeiro de; Quadros, Laura Cristina de Toledo. A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

Mães, mulheres, usuárias: Quem são Elas?

O público atendido nas cenas de uso é majoritariamente masculino, mas, segundo nossa observação, cerca de 30% da concentração nas cenas se dá pela presença de mulheres. Destacamos a importância de um olhar dedicado às mulheres como nos apontam Bastos & Bertoni (2014): “O consumo de diferentes substâncias, lícitas e ilícitas, tem características específicas e deve ser objeto de políticas públicas que incorporem diversos aspectos diferenciais, entre eles, a dimensão de gênero” (p.87).

Embora menores quantitativamente, elas carregam um histórico comum de violência, perdas precoces e a permanência na rua atravessada por fragilidades e pela prática frequente do sexo, muitas vezes sem métodos contraceptivos, como meio para ter acesso à droga. Como consequência desse comportamento, há a recorrência de gestações ao longo da vida dessas mulheres. Para traçar um panorama dessa realidade, aplicamos um questionário com intuito de colher informações a respeito da condição gestacional atual e pregressa das mulheres que são encontradas nas cenas de uso.

No período de seis meses de aplicação do instrumento (entre novembro 2014 e junho 2015), 196 mulheres foram entrevistadas, sendo que neste total 180 afirmaram já ter engravidado ao menos uma vez, representando 92% das entrevistadas. Apenas 11 disseram nunca ter engravidado, representando 6% e 5 mulheres não souberam responder, ou seja 3% das entrevistadas. Entre elas, 33 confirmaram estarem grávidas quando entrevistadas, sendo equivalente a 16% do total. Todas as entrevistadas expressaram o desejo de realizar pré-

natal, em consonância com os dados publicados pela FIOCRUZ (Bastos & Bertoni, 2014):

aproximadamente metade das usuárias grávidas no momento da entrevista referiram ter procurado serviços de saúde (num conjunto de estabelecimentos que incluía postos/centros de saúde/ambulatório/UPAs), nos últimos 30 dias, o que chama a atenção para a baixa frequência (ou mesmo ausência) de acompanhamento pré-natal, uma vez que metade das mulheres não havia procurado qualquer serviço de saúde. (p.98).

Segundo nossos dados (Almeida, 2013), entre as que tiveram filhos, 33% fizeram pré-natal ao menos uma vez, confirmando o baixo índice de acesso à saúde nesse período.

Reconhecendo as muitas dificuldades apresentadas no cotidiano das gestantes em situação de rua, para iniciar ou dar continuidade ao acompanhamento de pré-natal, ressaltamos a relevância desse acesso e acompanhamento diante do comportamento de uso de drogas ao longo desse período. Tal comportamento pode interferir de forma significativa na saúde sexual e saúde reprodutiva dessa parcela da população, além de apresentar consequências adversas com relação à morbimortalidade materno-fetal e infantil. O pré-natal traria benefícios consideráveis nesse cenário.

A maioria afirma não ser a primeira gestação, sendo uma média de 3,5 gestações por mulher entrevistada chegando ao total de 811 gestações. A média das idades das entrevistadas é de 29 anos e a da primeira gestação de 16 anos. A partir desse estudo foi identificado um total de 494 filhos vivos, sendo 2,74 crianças por mulher e 131 abortos declarados, correspondendo a 16% do total.

Em confirmação ao alto índice gestacional nessa parcela da população, destacamos dados encontrados pela pesquisa com esse público, comparado aos índices do restante da população brasileira: “Aproximadamente 46% das mulheres relataram quatro ou mais gestações ao longo da vida. No Brasil, segundo os dados do Censo 2010, as mulheres tinham, em média, 1,9 filho” (IBGE, 2010). O total de gestações distribuído pelo quantitativo de mulheres entrevistadas se apresenta de maneira expressiva, pois são 4,5 gestações por mulher, o filho permanecendo vivo em 61% dos casos.

Quanto ao destino dessas crianças, podemos afirmar que, segundo relatado pelas entrevistadas, 88 crianças (17%) estão sob os cuidados das mães, sendo que 70% das mulheres, apesar de estarem em situação de rua, afirmaram ter contato com seus filhos. Quanto aos demais, 335 crianças, ou seja, 68% estão sob os cuidados da família extensa e 15% desse público não souberam responder. Já passaram por instituições como abrigos e casas de passagem 15% das crianças.

É possível afirmar que as ações de Políticas Públicas são pouco efetivas para essa população, já que, a partir do que elas afirmam, apenas 25% desses filhos recebem algum tipo de benefício do Governo Federal. Na produção da FIOCRUZ foi feita uma importante diferenciação entre os perfis de gênero em âmbito nacional, onde o público feminino é descrito como sendo: “mulheres marcadas pelas mesmas desvantagens sociais e trajetória dos homens. Estas usuárias estão gravemente expostas à violência sexual (44,5% relataram ter sofrido esse tipo de violência) e à ausência de apoio social na gestação (50% das entrevistadas engravidaram ao menos uma vez durante o período de uso

regular do crack)”. (Bastos & Bertoni, 2014, p. 94/95)

Trabalhar com pessoas que ocupam a camada mais extrema da exclusão e da invisibilidade social nos possibilita, a cada dia, um novo aprendizado sobre esse universo, desconstruindo preconceitos e estigmas que reforçam negativamente a incompreensão desse tema. A partir da ideia de que o público feminino apresenta demandas singulares ao gênero e que os esforços para a compreensão e cuidado precisam ser ampliados, diante dos dados do levantamento, podemos constatar que os esforços para garantir o direito ao exercício da maternidade por essas mulheres foram insuficientes, mediante a condição de extrema vulnerabilidade a que estavam expostas.

Buscamos reunir neste estudo um conjunto de realidades que são alvos do desconhecimento e do preconceito. Tomando como proposta evidenciar uma versão local e atravessada pela percepção de mulheres que fazem uso de crack e por isso ocupam os espaços públicos da cidade como forma de moradia e estabelecimento de suas relações sociais, optamos por conhecer os modos de construção dos afetos envolvidos nessa tríade mulher-maternidade-rua. Para tal, foi necessário percorrer um caminho, um exercício pleno do pesquisarCOM proposto por Moraes (2010), onde o outro sai da condição de objeto para tornar-se um ator presentificado, um ativador de potências no campo de pesquisa.

Construir *com* Elas um processo gradual, lento e cuidadoso de aproximação, vínculo e reconhecimento de afetos, foi fundamental para que as vissemos (e fossemos também vistas) para além do processo descritivo de observação. Em muitos momentos, nos questionamos quanto às estratégias de

maior aceitação por parte delas. Percebíamos que mesmo estando nas condições de pouca salubridade, de higiene e saúde para os padrões convencionais, como toda mulher, Elas demonstravam maior interesse e curiosidade sobre a presença da pesquisadora e as ofertas trazidas, quando da desconstrução de estigmas e o trato fundado na simetria como entre os iguais. Falamos sobre vaidade, maquiagem, namoro, sexo, saudades, alegrias... Para a surpresa ou espanto de muitos, quando nos conectamos com elas, reconhecemos em seus relatos e histórias de vida, emoções e sentimentos que fazem parte de nós e de qualquer pessoa.

Encontrando pedras preciosas: outra história de três Marias

No cenário de pedras, cachimbos e detritos, encontros frutíferos foram produzidos e em nossas andanças por esse campo, aos poucos o impacto da miséria foi se dissipando nos permitindo destacar o brilho de pedras preciosas que nos chamaram a atenção. Compartilharemos a seguir algumas histórias extraídas da experiência de acompanhar usuárias para o projeto de pesquisa nacional de mapeamento de usuários de *crack* (porém somente população adulta), encomendado pelo SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) e organizado pela Fiocruz (Bastos, 2014), que constituiu parte desse campo de estudos. Inspiramo-nos em impressões de encontros com mulheres, mães e chefes de família, com os vínculos sociais e familiares rompidos e com o agravante da condição do uso sistemático de *crack* e outras drogas.

Um desafio inicial foi o de contrapor o tradicional *setting* de atuação do psicólogo a uma realidade inóspita buscando, num espaço adaptado, o início de formação de

vínculo. Os encontros acontecem onde os usuários se instalam e fazem uso de drogas, sempre em comunidades e muitas vezes nas calçadas e becos insalubres. A diferença entre essas condições de trabalho certamente impactam no modo de pesquisar, como também no resultado apresentado a partir dessas experiências. Foram muitas pessoas, encontros de diferentes comportamentos diante das etapas da pesquisa.

Foram muitos diálogos interessantes carregados de sentimentos que gostaríamos de trazer para este artigo, mas faz-se necessário um recorte e, sendo assim, nos concentraremos nas conversas com mulheres de diferentes idades e localidades do estado, mas tendo em comum a maternidade e o comportamento de uso de crack e outras drogas nessa relação. São muitas as histórias e optamos aqui por narrá-las através de personagens que nos impactaram. As nomearemos por Maria, como as muitas que habitam os recantos da cidade e as diferenciaremos por um segundo nome, assegurando-lhes uma singularidade.

Nossa primeira Maria será a dos Anjos, uma jovem de 26 anos, mãe solteira de um casal de filhos, que se encontra em situação de rua na comunidade do “Sabão” – Niterói/ RJ. No início da conversa ela se mostrou desconfiada, questionando o motivo da presença da equipe no local. Mas sua curiosidade foi mais forte e ela aceitou a conversa. Quando interrogada sobre tipo, quantidade e frequência de uso de drogas, Maria dos Anjos informou, para nossa surpresa, não fazer uso de álcool e cigarros (em se tratando desse perfil populacional, pode-se considerar quase uma exceção); em seguida, completou sua fala afirmando que esses hábitos não são bons para seus filhos, principalmente o menino de quatro anos

que sofre de bronquite. Continuou dizendo que nunca gostou de beber, pois elege as drogas que consome com a condição de que não perca a consciência, já que alega que seu maior pavor é que algo aconteça às crianças e que não possa estar em condições de cuidar deles, já que não confia em ninguém para fazer isso.

Esta afirmativa vinda de uma mulher (usuária de drogas, negra, mãe solteira, em situação de rua, perfil abaixo da linha de pobreza) nos surpreende, pois ainda se acredita que tal público seja incapaz de tomar decisões. Esse estereótipo instaura uma barreira na relação de cuidado, assim como nas relações com o social. Mas Maria dos Anjos era uma garota de vinte e poucos anos, que tinha total consciência de suas responsabilidades como mãe, trazendo à conversa a falta de esperança em conseguir modificar sua realidade.

Sobre o motivo de estar nas ruas longe das referências familiares (ela afirmou ser oriunda do município de São Gonçalo), Maria dos Anjos, com um choro preso na garganta, limitou-se a dizer que está nas ruas e buscou o recurso das drogas devido a conflitos familiares, pois “é muita aporrinhção na cabeça”(sic). Esse é um discurso recorrente entre os habitantes da rua.

Sobre o tipo de substâncias de que faz uso e como financia esse consumo, a jovem, em tom de desabafo, confidenciou fazer muitas misturas aleatórias, como na ocasião em que não tinha maconha ou mesmo o crack e macerou comprimidos para hipertensão e os inalou, indo parar na emergência hospitalar pelo fato. Alegou ter feito isso por não ter dinheiro para comprar outras drogas, principalmente a cocaína, pois o pouco que consegue prioriza para a alimentação de seus filhos. Nesse segundo momento, foi possível sentir

em sua voz o medo de vivenciar consequências mais graves e sua preocupação com seus filhos contornou todo o relato, incluindo a possibilidade de não conseguir provê-los, o que a coloca em desespero. Em busca de alívio, recorre ao consumo de drogas psicoativas.

Quanto às suas fontes de renda, disse que vende doces em semáforos e conta com o benefício do Governo Federal do programa Bolsa Família e, por isso, reconhece a importância de manter assídua a presença das crianças na escola. Mas afirmou, com certa hesitação, recorrer a serviços sexuais como forma de angariar dinheiro. À medida que a conversa fluiu, podemos ser colocados num delicado impasse, visto que esse falar evoca lembranças difíceis. Nesse momento, a sensibilidade do acolher apresenta-se na sutileza do olhar e na presença interessada, um acontecimento forjado no encontro. Maria dos Anjos emocionou-se ao contar que já havia sido forçada a fazer sexo contra sua vontade. Com um longo e profundo suspiro, respondeu junto ao curto silêncio em tom de desabafo “Oh... se já fui! E como... não quero nem lembrar isso”. Silêncio, breve e pleno. Ali o respeito reflexivo transcendendo o julgamento. E como foi importante para todos sustentar o silêncio. Como não se implicar com as provocações daquele encontro? Como não pensar no contorno necessário ao mal estar ali instalado? Visando mediar tais atravessamentos, deixamos que ela conduzisse o diálogo em que transitaria entre o possível e o suportável, a partir de si mesma, e ficamos no lugar de ouvinte/pesquisadora ou pesquisadora/ouvinte, sendo ela a dar o tom. Assim, com poderes e deveres distribuídos, continuamos nossa missão.

Ao falar sobre vida e morte, ela nos revela já ter pensado em se matar e mostrou marcas nos punhos, alegando serem provenientes desse desejo, mas afirmou “não ter mais esses pensamentos”, não pela ausência de problemas, mas pela presença de seus filhos e da responsabilidade que tem por eles. Essa noção de sua maternidade não difere de muitas outras mães. Contrariando o preconizado em teorias que tenderiam a retratá-la como incapaz, ela firmou vínculos preciosos e legítimos com seus filhos, investida como guardiã de sua prole e elegendo-os numa comovente mutualidade como seus guardiões. Eles eram, então, os Anjos de nossa primeira Maria, mantendo-a viva, numa difícil jornada entre o desespero e a esperança. Encerrada a conversa/entrevista, foi feito agradecimento por ter compartilhado um pedaço de sua intimidade, pela confiança, pela troca desse encontro.

Nesse mesmo dia e local, encontramos nossa segunda Maria, a Rosa, de 36 anos, grávida de oito meses e mãe de duas meninas, uma de 10 e outra de 17 anos. Com uma aparência envelhecida, Maria Rosa mostrava-se muito atenta e rígida quanto aos cuidados às filhas e à sua “casa”. Usuária de múltiplas drogas (álcool, cigarro, maconha e crack), até mesmo no período gestacional, Rosa (como preferia ser chamada), antes de iniciar a conversa verificou se sua filha de 10 anos já havia se alimentado, pois passava das 16h e a menina estava retornando do trabalho que faz de catar recicláveis com sua madrinha. A menina foi comer algo, mas queixava-se de dores nos ombros devido à quantidade de peso que carregara naquele dia. Quando perguntada sobre sua idade, espalmou os dedos das duas mãos e sua mãe se antecipou confirmando: 10 anos. Quanto aos estudos, cabisbaixa, a

criança fez uma negativa com a cabeça e se afastou. Rosa justificou que a necessidade de trabalhar impedia que sua filha frequentasse a escola, pois precisava “ajudar a trazer comida para dentro de casa” (sic).

Durante o período de nosso encontro, foram trazidos temas sobre os cuidados que tem com suas filhas e da relação que mantém com seu companheiro e demais moradores daquele depósito abandonado. Rosa, assim como Maria dos Anjos, toma alguns cuidados quanto ao uso de drogas, principalmente de crack, como o não compartilhamento de cachimbos com outros usuários, pois sabe dos riscos de contrair doenças como hepatite e até mesmo tuberculose. Estariam ambas aportadas em suas funções maternas? Cuidar estaria aí como um sentido para as suas vidas? Diante de circunstâncias tão adversas, podemos reconhecer nessas mulheres um modo peculiar de cuidado com sua prole?

Continuando a conversa, algumas de nossas intervenções não tiveram impacto. Porém, diante de uma pergunta um tanto simples, Maria Rosa mostrou a forma como estabelece a relação de autoridade com suas filhas, de maneira surpreendente. Ao ser interrogada se possuía tatuagens, ela não somente negou como demonstrou seu repúdio a quem tem. Nesse momento sua filha mais velha lhe trouxe água e ela disse que a jovem fez ano passado, sem sua autorização, duas tatuagens de uma só vez (uma borboleta nas costas e outro desenho no pé) que, para ela, foram suficientes para “dar uma surra de tirar o couro e ainda deixar de castigo por um ano”. Em sua opinião ter tatuagens não passa uma boa imagem e não gostaria que suas filhas fossem rotuladas de maneira negativa por conta disso.

Rosa estava ansiosa para encerrar nosso encontro, pois, por conta da barriga, o calor e o desconforto do local já não estavam lhe fazendo bem. Ela também expressava preocupação quanto à entrada e saída de rapazes vizinhos e de seu próprio companheiro em sua “casa”, na sua ausência, declarando não confiar em ninguém além de suas filhas. Rosa foi devidamente escutada e aceleramos a finalização do contato para que ela pudesse atender suas filhas. Já estava anoitecendo quando finalmente todas as etapas foram encerradas e Rosa pode seguir seu destino vigiando suas Rosas com um olhar duro, conservador, como outras mães Marias. De valores familiares extremos, Maria Rosa admite ter feito e ainda fazer uso de drogas, mas que, diante do exercício da maternidade, isso não impede que ela mantenha sua autoridade na relação com suas filhas. Cabe-nos julgar? Nossas teorias podem ditar padrões educacionais? É importante não invalidar o que encontramos nesse espaço, pois, a despeito da difícil realidade, há uma ordem que emergiu dessas relações, com todas as peculiaridades demandadas desse contexto.

A terceira e última história trazida para este texto refere-se a uma usuária de crack que estava no município de Três Rios havia pouco tempo. Seus filhos moram no Rio de Janeiro. É a nossa Maria das Dores, uma senhora que, apesar de sua aparência ser semelhante à de uma idosa, estava completando naquela data 47 anos.

Inicialmente estivemos com seu companheiro, forma como ela o considerava, apesar dos poucos dias de convivência. Esse tipo de “casamento” é comum entre os que fazem das ruas seu local de moradia e convívio social, pois

vivem suas escolhas de maneira intensa e isso se reflete nos relacionamentos afetivos; não importando o tempo de convivência, eles casam e descasam de acordo como conduzem seus relacionamentos.

Muito ansiosa ela estava, assim como também se mostrou muito cooperativa. Por ser analfabeta, foi necessário improvisar sua identificação para que pudesse ser feito o termo de consentimento de pesquisa, mas ela esteve sempre muito disponível. Havia nela uma necessidade de contar sua própria história; percebemos que esse era o seu maior desejo naquele encontro. Afirmava estar muito triste por ser seu aniversário e não poder receber o carinho dos dois filhos e oito netos, devido à distância e falta de contato.

Quando questionada por qual motivo encontra-se longe de seus familiares e em situação de rua, Maria das Dores afirmou que deixou de trabalhar por conta do uso abusivo de álcool e quando se separou foi expulsa de casa pelo ex-marido. Passou um tempo morando com sua filha, mas se sentia incomodada com seu genro e preferiu sair, embora afirmasse não ter havido brigas ou desavenças. Na verdade acreditava que seus filhos pudessem estar preocupados por falta de notícias suas.

Falou com orgulho e saudades dos netos, sendo seis deles de sua filha que hoje tem 26 anos. Houve um espanto por conta da quantidade de filhos para uma moça tão jovem! Maria sorriu e, de maneira bem despojada, descreveu sua composição familiar, que, apesar de, num primeiro momento, nos parecer confusa, pode dar sentido à sua trajetória. Segundo ela, foi casada por treze anos, tendo como frutos um casal de filhos. Sua filha tem seis filhos, estando o mais velho com treze anos, e

todos do mesmo pai, que, por sinal, é seu tio, irmão de seu genitor. Já o rapaz casou-se e teve dois filhos apenas que, após a separação, foram abandonados por sua ex-mulher.

Os motivos da separação de Maria das Dores foram às sucessivas situações de violência doméstica que sofrera, além de afirmar ter sido trocada pela sua ex-nora, sendo esse também o motivo do fim do casamento de seu filho. O desfecho dessa história, digna de folhetim, foi uma surra dada pelo filho em seu próprio pai, mas “está tudo bem”, pois “fazer o quê?! É tudo família... mora todo mundo perto...” (sic).

Maria afirmou ter trabalhado por muito tempo como empregada doméstica, mas que, desde sua juventude, teve problemas com o álcool. Com lágrimas nos olhos lembrou de quando “fugindo da seca e do trabalho duro na lavoura”, veio do norte do país com sua mãe para Rio de Janeiro. Sempre trabalhou muito, mas afirma ter “perdido as forças”, com o falecimento de sua mãe e também melhor amiga.

À medida que a conversa acontecia, ela ia se recordando de pessoas importantes em sua história, alguns ex-amores, amigos, parentes... Todos os que naquele dia estavam lhe fazendo muita falta. Ao longo desse encontro, num tom de arrependimento, Maria das Dores tomava consciência de sua situação e a todo o momento repetia que voltaria a procurar sua filha, assim como buscaria tratamento para o uso de drogas.

No final do encontro, ela nos falou sobre sua condição de saúde, afirmando já ter feito tratamento para dores na coluna e que, em determinadas ocasiões, seu corpo fica coberto de manchas roxas que, segundo o médico que a atendeu, aparecem devido às tristezas que ela guarda e, por isso,

precisa conversar, falar o que sente, ir ao psicólogo... E foi assim que finalizamos esse encontro, ela muito emocionada disse estar se sentindo melhor e que precisava falar, reconhecendo o quanto é bom “colocar para fora” (sic). Prometeu (a si mesma, sem exigências nossas) que sairia das ruas e procuraria seus filhos, para que pudesse buscar ajuda para a dependência química. Por um momento Maria das Dores esteve num psicólogo e falar lhe trouxe algum alívio. Uma história não convencional, um atendimento não convencional, um espaço não convencional. Esse foi o nosso possível.

Finalizando e refletindo: as nuances do intervir

Entrar em contato com esse público, em especial o feminino, pode trazer para reflexão perspectivas não somente do público em situação de rua e usuário de crack, mas também de mulheres e suas vulnerabilidades. São mulheres que, além de serem usuárias de drogas, admitem consumir crack (sendo esse um rótulo bastante significativo de exclusão entre os já excluídos). Elas estão em situação de rua, com seus vínculos familiares enfraquecidos, mas não deixam de exercer, da maneira como podem, a maternidade, e jamais cogitam a hipótese de abrirem mão desse lugar. Elas, de longe ou de perto, ocupam seus lugares de mãe, ainda que ora desistam, ora lutem por seus espaços em sociedade.

Traçando um paralelo com o texto de Dapne Patai (2010), “Construindo um eu: uma história oral de mulheres brasileiras”, em que a autora toma como proposta debruçar-se no universo de mulheres excluídas na contemporaneidade através dos relatos de suas vidas, os exemplos de mulheres que aqui foram apresentados pouco se

assemelham com “os padrões de maternidade” que encontramos na literatura ou aprendemos em sociedade como ideal. Mas, embora estejam à margem, elas transbordam sentimentos que configuram outro devir mulher-mãe.

Enxergar nessas mulheres algo além da degradante condição de estar nas ruas e do consumo deliberado de drogas que fazem, é um grande desafio que só é possível a partir da ampliação de espaço e maior visibilidade para suas histórias. Foi fundamental nos permitirmos ser afetadas por elas imprimindo na relação momentaneamente estabelecida um suave ritmo de aproximação e afastamento. Ao final, éramos todas mulheres buscando uma forma de estar no mundo. Sabiamente Moraes (2010) nos diz que “É no estranhamento do encontro com o outro que um pensamento pode advir” (p.26). Assim, é necessário enfrentar a questão do crack na rede em que ele se instala, conhecendo seus personagens, compreendendo o processo em ação para daí desdobrar um possível conhecimento que não se engessará numa verdade generalizável, mas propiciará uma abordagem do tema de forma viva e ativa, dando mobilidade à construção do intervir.

A respeito dessa temática, recomendamos cautela quando estamos diante das aclamações por uma resolutividade desse assunto, sem ao menos nos questionarmos o que viria a ser resolução. Assim, é recomendável uma pausa reflexiva quando o assunto gira em torno das atuais ofertas de proteção e cuidado à população em situação de rua, principalmente para aqueles que fazem uso de crack. A criação de rótulos e estigmas compõe o imaginário daqueles que acreditam na saída desse público das ruas como

premissa para o resgate e/ou construção de vínculos familiares e comunitários. Concordar com tal afirmativa, nos faz deparar com alguns impasses: sair das ruas para onde? Seria a demanda de saída do espaço público a mais urgente para quem se encontra em estado de vulnerabilidade e risco social? Poderíamos desprezar as formas de vinculação não convencionais que tais usuários constituem nas ruas? Vimos entre nossas Marias que o vínculo perpassa as condições idealizadas e persiste na adversidade. É sabido que precisamos pensar em ações que venham garantir a integridade dessas pessoas, mas consideramos também fundamental reconhecê-las no que elas apresentam de potente e não reduzi-las ao vício ou a insuficiência.

Referências

- Almeida, D. J. R. (2013). *Do outro lado da linha do trem, havia uma pedra nomeio do caminho: Um estudo sobre o crack no Rio de Janeiro na perspectiva da Teoria ator-rede*. Dissertação de mestrado, Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Bastos, F. & Bertoni, N. (2014). *Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?* Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, Brasil.
- Despret, V. (1999). *Ces emotions qui nous fabriquent*. Paris: Les Empecheurs de Penser en Rond.
- Despret, V. (2012). *Comme Faire-science: Les animaux ont-ils le sens du prestige?* In V. Despret. *Que diraient les animaux, si... on*

Almeida, Diana Jenifer Ribeiro de; Quadros, Laura Cristina de Toledo. A pedra que pariu: Narrativas e práticas de aproximação de gestantes em situação de rua e usuárias de crack na cidade do Rio de Janeiro

leur posait les bonnes questions?

Paris: Découverte.

IBGE. (2010). Recuperado em 20 de setembro, 2014, de biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/.../94/cd_2010

Law, J. (2003). *Making a mess with method*. Recuperado em 2015, de

<http://www.heterogeneities.net/publications/Law2006MakingaMesswithMethod.pdf>

Law, J. (2004). *After method. Mess in social science research*. London: Routledge.

Mol, A. (1999). Ontological Politics: A word and some questions. In J. Law & J. Hassard (orgs.). *Actor Network Theory and After* (pp. 74-89). London: Blackwell – The Sociological Review.

Moraes, M. (2010). PesquisarCOM, Política Ontológica e deficiência visual. In M. Moraes & V. Kastrup (orgs.). *O Exercício dever e não ver* (pp. 26-51). Rio de Janeiro: Editora Nau.

Patai, D. (2010). Construindo um eu: Uma história oral de mulheres brasileiras. In D. Patai, D. *História oral, feminismo e política* (pp. 18-64). São Paulo: Letra e Voz.

Quadros, L. C. T. (2011). *A construção artesanal do fazer clínico em Psicologia*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ, Rio de Janeiro.

Recebido em 14/01/2016

Aprovado em 02/05/2016